

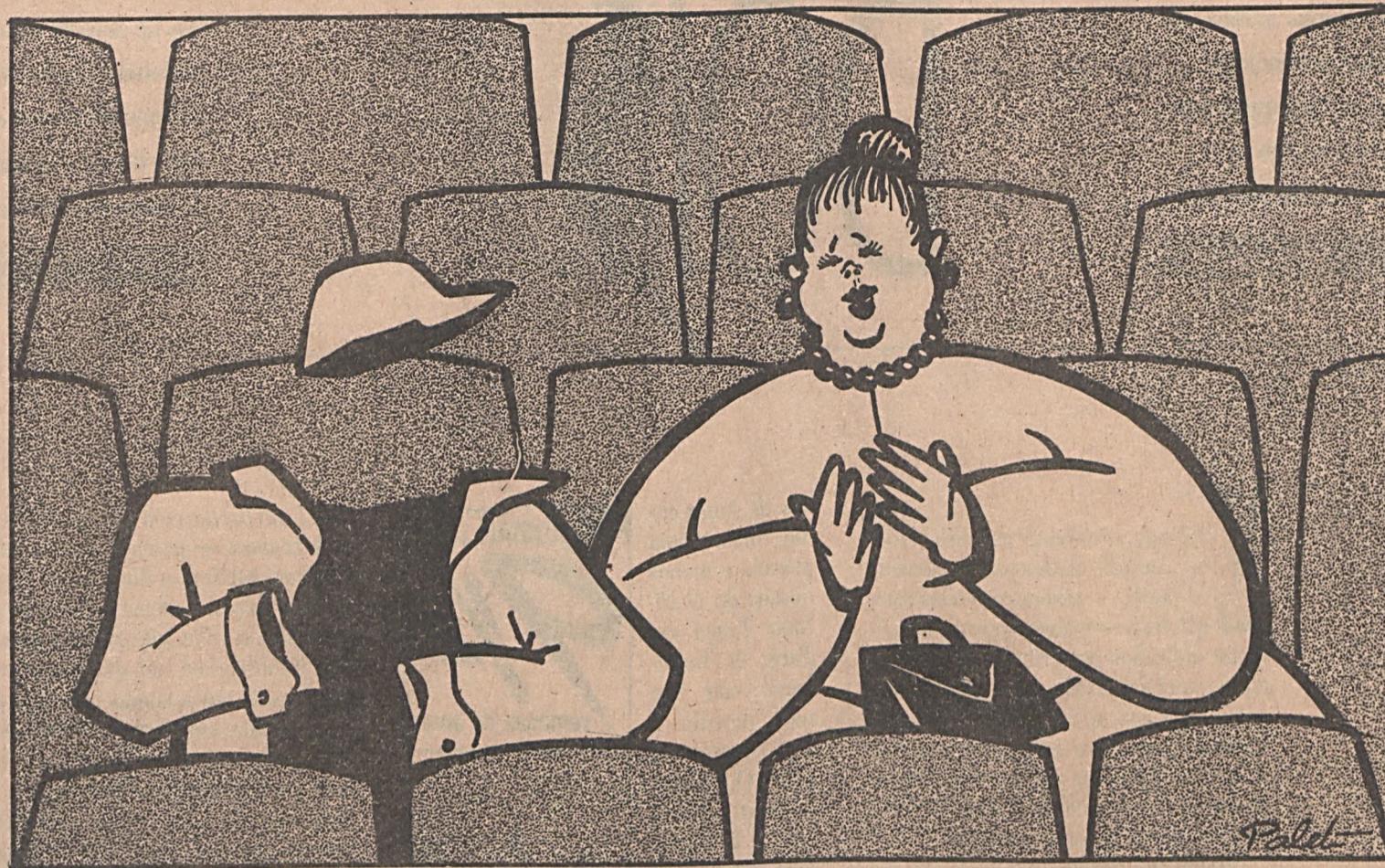
ARTIGO DEFINIDO

O nascimento do irrequieto fantasma da Villa-Lobos

Alexandre Ribondi

Para os que acreditam, em sua vã ingenuidade, que a sala Villa-Lobos, que, no prédio piramidal do Teatro Nacional de Brasília, tem suas portas viradas para a Rodoviária (enquanto a sala Martins Penna dá para a Esplanada dos Ministérios), não tem fantasmas nem almas penadas e que está aí o mistério da falta de sucesso das óperas apresentadas em seu palco, está catolicamente enganado. A sala Villa-Lobos tem, sim, um fantasma jovem, ainda no frescor da eternidade, sobrevoando suas poltronas aveludadas.

O incidente fatal ocorreu em um sábado do mês de março do ano de 1987. A Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional de Brasília apresentava, em grande gala, a *Abertura 1812* de Tchaikovsky. A opulenta dona Nicósia, naufragada em seus 170 kg, mesmo torcendo o nariz diante da prolixidade sentimental do russo, foi. Sentou-se na poltrona H-23. Acomodou-se com garbo, com satisfação e olhou para os lados. A sala estava relativamente cheia, mas não muito — porque os brasilienses, como vocês sabem, por falta de berço, tato, sensibilidade e bomgosto, preferem ficar em casa repetindo o refrão de que “na cidade não há nada para se fazer”



do que sair para procurar. Dona Nicósia refletiu sobre o assunto com certo pesar no peito. Suspirou. Neste momento, sentou-se na poltrona H-22 um jovem, na casa dos 26 anos, que a cumprimentou com um leve sorriso. Dona Nicósia estava calma, serena, em paz. Não julgava que, em poucos minutos, seria o centro de uma tragédia.

O concerto começou. O rapaz ao seu lado começou a acompanhar o ritmo de Tchaikovsky com o pé — que batia insistentemente no chão. Dona Nicósia olhou com o rabo de olho e tossiu discretamente. Ele não percebeu. Ela o cutucou como

quem não quer nada. Ele ajeitou-se para o lado de lá da poltrona e manteve o ritmo do pé. Dona Nicósia pensou: “Ai, meu Deus. É hoje”. Em seguida, o rapaz fotografou a orquestra com sua máquina com *flash*. E comentou no ouvido de dona Nicósia: “Aquela moça do violino é prima da minha mãe”. Dona Nicósia fingiu que não ouviu. Mas ficou nervosa. Muito nervosa. O rapaz passou a cantarolar junto com a orquestra, comentando aqui e ali: “Genial. Genial”. Dona Nicósia deliberou de si para si: “Se ele disser que a apresentação é *fera*, eu mato ele”.

O rapaz puxou conversa com a mulher da poltrona H-21. Dona Nicósia fez *psiu*. Eles abaixaram o tom de voz, o que piorou a situação porque o cochicho, via de regra, faz sempre muito barulho em lugares como teatro, cinema, igreja e velório. Dona Nicósia sentia que seu peito iria explodir de angústia mortal. Os cochichos vinham intercalados de comentários repletos de adjetivos. Dona Nicósia passou a torcer as mãos. Foi neste exato momento que o estalo se deu. A moça estranha comentou: “Fantástico, não é?”. E o rapaz completou: “Pô, cara. *Fera*”. Uma turbulência de ódio, ira e rancor to-

mou conta da sensatez de dona Nicósia. Suas mãos tremeram. Seus lábios se contraíram em fúria. Seus olhos entraram em órbita cega. Sua alma tornou-se uma ave de rapina em vôo rasante.

Dona Nicósia abriu a bolsa com fineza. Retirou de seu interior uma delicada *Beretta 6.35* com cabo de madrepérola. Depositou-a sobre o colo. Da bolsa, retirou também um silenciador que enroscou no cano da arma, fazendo um pequeno barulho, mais delicado do que um desembulhar de bala *soft*. Em seguida, apanhou um minúsculo embrulho de gaze que enrolou na mão esquerda. Enquanto isso, o rapaz conversava aos cochichos, burilava o pé e fotografava a prima. Dona Nicósia passou o braço esquerdo sobre o ombro do rapaz, que sentiu um leve aconchego, apoiou a mão esquerda (a que tinha a gaze) na frente esquerda da futura vítima e com a mão direita apertou o gatilho, justamente no momento em que a Orquestra Sinfônica explodia os canhões da *Abertura 1812*. O tiro, um só, fez *piuuiii*. A gaze conteve a pequena gota de sangue que saiu na outra frente. A cabeça tombou. A moça do, H-21 achou que se tratava de um casal apaixonado e calou-se, enciumada. Na fila G, alguém comentou: “Olhem a falta de vergonha daquela gor-da”.

A morte foi indolor e o silêncio foi magistral. Dona Nicósia sentiu-se calma e quase morreu de gozo com a execução da orquestra. Fechou os olhos com a paz que se estabeleceu. Quando a apresentação terminou e todos se retiraram, dona Nicósia esperou que os músicos também saíssem. Levou o cadáver escada abaixo, ao som de *toc-toc-toc-toc*. “O rapaz tem estilo”, apreciou dona Nicósia. Levou-o para os subterrâneos da sala Villa-Lobos. Deixou-o lá para sempre.

Assim, o Teatro Nacional tem um fantasma. É ele quem sobrevoa a sala quando as orquestras e as óperas se apresentam. E é ele também quem futura e incomoda o público — que se mexe, suspira alto, boceja aos brados, abre e fecha trincos de bolsas e cochicha no teatro. Dona Nicósia compreendeu, portanto, que um só fantasma não basta para a paz teatral. Dona Nicósia silenciará todos eles. Um dia. Um por um.